

20.4.42
AS CONCESSÕES
RUBEM BRAGA

POSSIVEL deixar de louvar o general Dutra pelo seu empenho em esclarecer a atitude do governo no caso das refinarias. Ficou evidente, pela documentação apresentada, que o presidente da República nada fez sem antes ouvir a opinião dos grupos autorizados; a boa fé e honradez com que agiu são patentes.

Isso, entretanto, não basta. Vimos que as mãos sujas, excelsas, estão limpas, o que não foi surpresa para ninguém. Mas o deputado Hermes Lima continua tendo razão em tudo o que é realmente substancial em seu discurso.

Nenhum documento é mais precioso para mostrar que foi erro entregar a particulares a concessão de refinarias do que essa mensagem do presidente da República. Li-a com toda a atenção, e dirijo a quem fizer o mesmo com isenção de ânimo esta pergunta, que é a pergunta básica de toda a questão: por que o próprio Estado não monta as refinarias? Por que entregou essa tarefa a grupos de particulares que não dispunham de nenhum destes três elementos essenciais para realizá-la: terreno, capital e experiência técnica?

Nega-se que o Banco do Brasil tenha feito um empréstimo; não se nega que esse empréstimo foi pedido. Ficou também muito claro que, por este ou aquêle motivo, o fato é que até agora os concessionários não realizaram nada. Quanto tempo perdemos nisso? Quantas divisas não gastamos em quinilharías americanas e europeias quando já podíamos ter refinarias montadas e funcionando? Pode o general Dutra afirmar, em sua consciência, que não teria sido muito mais benéfico ao Brasil se o próprio governo tivesse tomado a si o empreendimento?

Pelo discurso do deputado Juracy Magalhães vimos que ele próprio, e o sr. Drault Ernanny e o dr. Eliezer Magalhães eram e são partidários do monopólio estatal. Os dois últimos e mais seus amigos abalçaram-se a pedir uma concessão, uma vez que o próprio Estado não queria o monopólio. Nada mais legítimo — principalmente se levarmos em conta que, no lugar de parar em suas mãos, a concessão poderia parar em mãos de "brasileiros natos, casados com brasileiras natas" e... testas de

ferro de... imperialistas natos. Não duvido da honestidade e do patriotismo do sr. Drault Ernanny; e quanto ao dr. Eliezer Magalhães só posso dizer que me honro altamente de tê-lo entre meus amigos. Estou de acôrdo com a opinião de ambos: o monopólio deveria ser estatal. E os fatos estão dando razão a eles e a mim. Estão ou não estão?

Ocorre ainda que a questão, no que se refere ao outro grupo, não ficou bastante esclarecida. Apenas sabemos que, tendo obtido, por concorrência, uma concessão para o Rio, acabou ganhando, por despacho, uma concessão bem maior para São Paulo. Isto é o que a própria mensagem do presidente confirma — procurando justificar. A justificação valeria se o grupo em questão tivesse realizado alguma coisa. Não realizou nada. Por que, para que, tantos favores em troca da participação no empreendimento de um capital particular que não existe ou se existe não aparece e não funciona? E note-se que pesa sobre esse grupo uma acusação muito desagradável, que o deputado Hermes Lima não referiu, mas que, justa ou injusta, é constantemente repetida nos meios interessados: ele estaria ou teria estado ligado a interesses da indústria petrolífera estrangeira. Já que se tocou no assunto, não é boa a hora para se esclarecer isso?

Estamos esperando, na melhor boa fé, as explicações dos componentes daquele grupo, que silenciaram sobre tudo, inclusive sobre a participação de um filho de um ministro de Estado. Vimos, pela própria exposição do sr. Drault Ernanny, como o "trust" americano, ou melhor, o governo americano, a serviço de um "trust", sabotou a compra de refinarias. Só quem não quiser ler não lerá isso na entrevista. Não é caso de nos precavermos mais rigorosamente, de olhar com atenção o Estatuto do Petróleo, tão perigoso em muitos trechos, para evitar que interesses estranhos, utilizando nomes nacionais, venham mais tarde a torpedear os interesses do Brasil? As possíveis desvantagens de um monopólio estatal das refinarias não são, de longe, ultrapassadas pelas vantagens e pela segurança que ele oferece?

A intromissão da política partidária nesse assunto, com as inevitáveis explorações e a inevitável malícia, não deve apaixonar um homem com a posição e a responsabilidade do general Dutra. Ele sente perfeitamente que de sua política do petróleo depende, em grande parte, o próprio nome de seu governo. A concessão das refinarias — contra a opinião até de um grupo de concessionários! — foi um erro, e pode e deve ser corrigido, sem prejuízo nem desonra para ninguém.